

História: Espaço Fecundo para Diálogos 2



Antonio Gasparetto Júnior
Ana Paula Dutra Bôscarro
(Organizadores)

História: Espaço Fecundo para Diálogos 2



Antonio Gasparetto Júnior
Ana Paula Dutra Bôscarro
(Organizadores)

2020 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do Texto © 2020 Os autores

Copyright da Edição © 2020 Atena Editora

Editora Chefe: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Diagramação: Geraldo Alves

Edição de Arte: Lorena Prestes

Revisão: Os Autores



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição 4.0 Internacional (CC BY 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores. Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Profª Drª Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins

Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas

Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso

Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais

Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília

Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense

Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa

Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa

Profª Drª Denise Rocha – Universidade Federal do Ceará

Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia

Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá

Prof. Dr. Eloí Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima

Prof. Dr. Fabiano Tadeu Grazioli – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões

Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná

Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionale delle Figlie di Maria Ausiliatrice

Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense

Profª Drª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso

Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins

Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte

Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Universidade Federal do Maranhão

Profª Drª Miranilde Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará

Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa

Profª Drª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa

Profª Drª Sandra Regina Gardacho Pietrobon – Universidade Estadual do Centro-Oeste

Profª Drª Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia

Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador

Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará

Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro

Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Ciências Agrárias e Multidisciplinar

Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano

Prof. Dr. Antonio Pasqualetto – Pontifícia Universidade Católica de Goiás

Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná

Profª Drª Diocléa Almeida Seabra Silva – Universidade Federal Rural da Amazônia
Prof. Dr. Écio Souza Diniz – Universidade Federal de Viçosa
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Fágner Cavalcante Patrocínio dos Santos – Universidade Federal do Ceará
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Profª Drª Lina Raquel Santos Araújo – Universidade Estadual do Ceará
Prof. Dr. Pedro Manuel Villa – Universidade Federal de Viçosa
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Profª Drª Talita de Santos Matos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Tiago da Silva Teófilo – Universidade Federal Rural do Semi-Árido
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

Ciências Biológicas e da Saúde

Prof. Dr. André Ribeiro da Silva – Universidade de Brasília
Profª Drª Anelise Levay Murari – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás
Prof. Dr. Edson da Silva – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri
Profª Drª Eleuza Rodrigues Machado – Faculdade Anhanguera de Brasília
Profª Drª Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina
Prof. Dr. Ferlando Lima Santos – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Igor Luiz Vieira de Lima Santos – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Profª Drª Magnólia de Araújo Campos – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Mylena Andréa Oliveira Torres – Universidade Ceuma
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federaci do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Paulo Inada – Universidade Estadual de Maringá
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto
Prof. Dr. Alexandre Leite dos Santos Silva – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Carlos Eduardo Sanches de Andrade – Universidade Federal de Goiás
Profª Drª Carmen Lúcia Voigt – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará
Prof. Dr. Juliano Carlo Rufino de Freitas – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Marcelo Marques – Universidade Estadual de Maringá
Profª Drª Neiva Maria de Almeida – Universidade Federal da Paraíba
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

Conselho Técnico Científico

Prof. Msc. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo
Prof. Msc. Adalberto Zorzo – Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza
Prof. Dr. Adailson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba
Prof. Msc. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão
Profª Drª Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico
Profª Msc. Bianca Camargo Martins – UniCesumar
Prof. Msc. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Msc. Cláudia de Araújo Marques – Faculdade de Música do Espírito Santo
Prof. Msc. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará
Profª Msc. Dayane de Melo Barros – Universidade Federal de Pernambuco

Prof. Dr. Edwaldo Costa – Marinha do Brasil
 Prof. Msc. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita
 Prof. Msc. Gevair Campos – Instituto Mineiro de Agropecuária
 Prof. Msc. Guilherme Renato Gomes – Universidade Norte do Paraná
 Prof^a Msc. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia
 Prof. Msc. José Messias Ribeiro Júnior – Instituto Federal de Educação Tecnológica de Pernambuco
 Prof. Msc. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa
 Prof^a Msc. Lilian Coelho de Freitas – Instituto Federal do Pará
 Prof^a Msc. Liliani Aparecida Sereno Fontes de Medeiros – Consórcio CEDERJ
 Prof^a Dr^a Lívia do Carmo Silva – Universidade Federal de Goiás
 Prof. Msc. Luis Henrique Almeida Castro – Universidade Federal da Grande Dourados
 Prof. Msc. Luan Vinicius Bernardelli – Universidade Estadual de Maringá
 Prof. Msc. Rafael Henrique Silva – Hospital Universitário da Universidade Federal da Grande Dourados
 Prof^a Msc. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal
 Prof^a Msc. Solange Aparecida de Souza Monteiro – Instituto Federal de São Paulo
 Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)**

H673 História [recurso eletrônico] : espaço fecundo para diálogos 2 / Organizadores Antonio Gasparetto Júnior, Ana Paula Dutra Bôscaro. – Ponta Grossa, PR: Atena, 2020.

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader.

Modo de acesso: World Wide Web.

Inclui bibliografia

ISBN 978-65-81740-01-6

DOI 10.22533/at.ed.016201102

1. História – Filosofia. 2. História - Historiografia. 3. Historiadores.
I. Gasparetto Júnior, Antonio. II. Bôscaro, Ana Paula Dutra.

CDD 907.2

Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422

Atena Editora
 Ponta Grossa – Paraná - Brasil
www.atenaeditora.com.br
 contato@atenaeditora.com.br

APRESENTAÇÃO

O campo da História é repleto de possibilidades ou, como sugere o título deste livro, um espaço fecundo para diálogos. Neste sentido, são possíveis análises cronológicas, quantitativas, qualitativas, biográficas, transnacionais e interdisciplinares que permeiam outras variáveis como econômicas, políticas, sociais, culturais e educacionais, por exemplo. Assim, o chamado para se refletir sobre a História é um chamado para se pensar a atuação do ser humano no planeta, em suas diferentes épocas, seus diferentes contextos e em suas diferentes abordagens.

A História, como ciência, é dotada de métodos que são empregados por seus pesquisadores e pesquisadoras para, a partir de questões que são colocadas, verificar suas teses em fontes pertinentes ao tema analisado. O que o leitor encontrará neste volume são textos que foram selecionados para composição do livro a partir de um eixo que prioriza a reflexão a respeito da Educação, da Religião e do Patrimônio. Os 30 capítulos são frutos de estudos que foram desenvolvidos por profissionais de diversas instituições do país.

Na primeira parte da obra estão reunidas análises históricas acerca da Educação. De modo que, internamente, esses textos permeiam debates em torno de questões étnicas na Educação, aspectos do ensino básico e do ensino universitário.

Na segunda parte da obra estão reunidas análises históricas situadas no campo das religiões. Assim sendo, os respectivos capítulos concentram análises que retomam aspectos religioso desde a Idade Média até os dias atuais, além de refletir sobre questões de gênero no campo religioso e trajetórias pessoais.

Por fim, a terceira parte do livro é composta por análises históricas no campo do Patrimônio. De tal forma abrangente que parte da antiguidade egípcia até a música contemporânea. Seus textos discutem outros temas como folclore, teatro e quilombos.

Em síntese, a obra *História: espaço fecundo para diálogos* é uma constatação ao leitor das inúmeras possibilidades das pesquisas históricas, apresentando resultados de investigações que são notadamente importantes para o conhecimento da sociedade. Ademais, é de suma importância a divulgação científica do trabalho do Historiador/Historiadora, que constrói pontes para uma sociedade mais justa e consciente.

Antonio Gasparetto Júnior
Ana Paula Dutra Bôscaró

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	1
NEGRITUDE E MEMÓRIAS APAGADAS: O ENSINO DE HISTÓRIA E AS HISTÓRIAS NÃO CONTADAS DE UMA CIDADE MINEIRA (1976-2016)	
Maria Rita de Jesus Barbosa	
DOI 10.22533/at.ed.0162011021	
CAPÍTULO 2	14
EDUCAÇÃO PARA RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS: UMA PROPOSTA DE VISIBILIZAR A LEI 10.639/2003 E DECOLONIZAR O CURRÍCULO NO CENTRO DE ENSINO FUNDAMENTAL MIGUEL ARCANJO, EM SÃO SEBASTIÃO – DISTRITO FEDERAL	
Técia Goulart de Souza Elison Antonio Paim	
DOI 10.22533/at.ed.0162011022	
CAPÍTULO 3	24
ÓRFÃOS DO ELDORADO DE MILTON HATOUM: UMA PROPOSTA DE LEITURA PARA A HISTÓRIA E PARA O ENSINO DE HISTÓRIA E CULTURA INDÍGENA NA AMAZÔNIA	
Arcângelo da Silva Ferreira	
DOI 10.22533/at.ed.0162011023	
CAPÍTULO 4	37
HISTÓRIA INDÍGENA NO ENSINO DE HISTÓRIA: HÁ LUGAR PARA TEMPORALIDADES OUTRAS NOS LIVROS DIDÁTICOS DE HISTÓRIA?	
Edith Adriana Oliveira do Nascimento	
DOI 10.22533/at.ed.0162011024	
CAPÍTULO 5	53
PAULO BOURROUL E O ENSINO DAS CIÊNCIAS NA ESCOLA NORMAL DE SÃO PAULO NO FINAL DO SÉCULO XIX	
Matheus Luiz de Souza Céfalo	
DOI 10.22533/at.ed.0162011025	
CAPÍTULO 6	69
EDUCAÇÃO INFANTIL NA LEI FEDERAL Nº 10.639/03: INDIFERENÇA A SER SUPERADA	
Carla Santos Pinheiro Lauro de Freitas/Bahia	
DOI 10.22533/at.ed.0162011026	
CAPÍTULO 7	80
EDUCAÇÃO PATRIMONIAL POR MEIO DA ILUMINAÇÃO SEMAFÓRICA DE BELO HORIZONTE: “PROJETO CIDADE REVELADA - INTERPRETAÇÃO E SINALIZAÇÃO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E CULTURAL”	
Ana Carolina Pereira	
DOI 10.22533/at.ed.0162011027	

CAPÍTULO 8	91
PATRIMÔNIO CULTURAL E A HISTÓRIA LOCAL: UMA PESQUISA DO PROFHISTÓRIA NA EDUCAÇÃO BÁSICA	
Antônia Lucivânia da Silva Paula Cristiane de Lyra Santos	
DOI 10.22533/at.ed.0162011028	
CAPÍTULO 9	106
CONSCIÊNCIA HISTÓRICA E FORMAÇÃO DE PROFESSORES PARA OS ANOS INICIAIS	
Carollina Carvalho Ramos de Lima	
DOI 10.22533/at.ed.0162011029	
CAPÍTULO 10	118
IMAGENS EM SALA DE AULA: O USO DE PINTURAS HISTÓRICAS NOS LIVROS DIDÁTICOS DO 7º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL	
Priscila Santos Calegari	
DOI 10.22533/at.ed.01620110210	
CAPÍTULO 11	131
CONTESTADO EM SALA DE AULA: UMA EXPERIÊNCIA COM O 1º ANO DO ENSINO MÉDIO	
Gerson Luiz Buczenko	
DOI 10.22533/at.ed.01620110211	
CAPÍTULO 12	141
ESCRAVIDÃO NEGRA NO BRASIL E INTERDISCIPLINARIDADE: UMA ANÁLISE DAS COLEÇÕES DE LIVROS DIDÁTICOS DE HISTÓRIA E LÍNGUA PORTUGUESA	
Nádia Narcisa de Brito Santos	
DOI 10.22533/at.ed.01620110212	
CAPÍTULO 13	154
ARIANO SUASSUNA: A ESCRITA E A PRÁTICA DE UM PENSAMENTO EDUCACIONAL NO “BRASIL REAL”	
Aurea Maria Bezerra Machado	
DOI 10.22533/at.ed.01620110213	
CAPÍTULO 14	165
O (AUTO) BIOGRÁFICO NO PROCESSO FORMATIVO: DOCÊNCIA ORIENTADA NA DISCIPLINA DE HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO	
Fabiana Regina da Silva Cristiane Medianeira da Silva Reis	
DOI 10.22533/at.ed.01620110214	
CAPÍTULO 15	180
A MISSÃO DAS UNIVERSIDADES: UMA ANÁLISE ARQUEOLÓGICA DAS PROPOSIÇÕES EDUCACIONAIS DE ARMANDO DE SALLES OLIVEIRA	
Alexandre de Britto Redondo	
DOI 10.22533/at.ed.01620110215	

CAPÍTULO 16	194
UMA ANÁLISE DAS POLÍTICAS AFIRMATIVAS NAS UNIVERSIDADES FEDERAIS: COTAS PARA ESTUDANTES NEGROS	
Josefa Neves Rodrigues	
DOI 10.22533/at.ed.01620110216	
CAPÍTULO 17	208
SANTO INOCÊNCIO MÁRTIR: UM SANTO ITALIANO DO SÉCULO III EM TOMAZINA PR	
Jonathas Wilson Michelin	
Angelita Marques Visalli	
DOI 10.22533/at.ed.01620110217	
CAPÍTULO 18	221
A IGREJA E A FONTE DE NOSSA SENHORA D'AJUDA DE PORTO SEGURO (1551- 1761)	
Lucas de Almeida Semeão	
DOI 10.22533/at.ed.01620110218	
CAPÍTULO 19	233
AS HAGIOGRAFIAS SEISCENTISTAS DE JOSÉ DE ANCHIETA: PROJETOS POLÍTICOS E IDENTIDADES RELIGIOSAS EM CONCORRÊNCIA	
Camila Corrêa e Silva de Freitas	
DOI 10.22533/at.ed.01620110219	
CAPÍTULO 20	246
O SOCIAL NA ARTE SACRA DE E. P. SIGAUD: O CASO DAS PINTURAS MURAIIS MODERNISTAS NA CATEDRAL DE JACAREZINHO	
Luciana de Fátima Marinho Evangelista	
DOI 10.22533/at.ed.01620110220	
CAPÍTULO 21	258
A PIA UNIÃO DAS FILHAS DE MARIA NA DIOCESE DE MANAUS	
Elisângela Maciel	
DOI 10.22533/at.ed.01620110221	
CAPÍTULO 22	271
O DESAFIO DE PESQUISAR O ACERVO DAS ORDENS RELIGIOSAS FEMININAS EM PORTUGAL	
Tatiane de Jesus Chates	
DOI 10.22533/at.ed.01620110222	
CAPÍTULO 23	284
O DISCURSO PROTESTANTE PENTECOSTAL DA BÍBLIA DA MULHER ACERCA DA CONDIÇÃO FEMININA VERSUS O DISCURSO ORAL DAS FIEIS	
José Glauber Lemos Diniz	
Daniele Barbosa Bezerra	
DOI 10.22533/at.ed.01620110223	

CAPÍTULO 24	298
ARCEBISPO DA PARAÍBA DOM JOSÉ MARIA PIRES: RELIGIÃO E POLÍTICA ENTRE OS ANOS DE 1965-1985	
Naiara Ferraz Bandeira Alves	
DOI 10.22533/at.ed.01620110224	
CAPÍTULO 25	308
PERSPECTIVAS HISTÓRICAS ACERCA DOS DISCURSOS SOBRE A MA'AT N'AS LAMENTAÇÕES DE KHA-KHEPER-RÉ-SENEB	
Victor Braga Gurgel	
DOI 10.22533/at.ed.01620110225	
CAPÍTULO 26	321
APONTAMENTOS PARA UM ESTUDO DA EMERGÊNCIA DO CONCEITO DE FOLCLORE NO PENSAMENTO SOCIAL BRASILEIRO O CASO DE SILVIO ROMERO	
Manoel Carlos Fonseca de Alencar	
DOI 10.22533/at.ed.01620110226	
CAPÍTULO 27	330
NICOLAU ALEKHINE NO ARQUIVO IPHAN-SP: UMA ABORDAGEM ETNOGRÁFICA	
Rafael de Araújo Oliveira	
DOI 10.22533/at.ed.01620110227	
CAPÍTULO 28	340
COMPANHIA TEATRO MODERNO DE LISBOA (TML): ENGAJAMENTO, RESISTÊNCIA E CRIAÇÃO CULTURAL NOS ANOS 1960	
Kátia Rodrigues Paranhos	
DOI 10.22533/at.ed.01620110228	
CAPÍTULO 29	351
ACAMPAMENTO E CULTURA POLÍTICA: ESTUDO DE CASO DO ASSENTAMENTO ZUMBI DOS PALMARES – RJ (1997-2015)	
Elson dos Santos Gomes Junior	
DOI 10.22533/at.ed.01620110229	
CAPÍTULO 30	363
O RAP INTERCULTURAL CONSTRUINDO UMA REPRESENTAÇÃO HÍBRIDA DA CIDADE DE MANAUS (1989 A 1999)	
Richardson Adriano de Souza	
DOI 10.22533/at.ed.01620110230	
SOBRE OS ORGANIZADORES	376
ÍNDICE REMISSIVO	377

SANTO INOCÊNCIO MÁRTIR: UM SANTO ITALIANO DO SÉCULO III EM TOMAZINA PR

Data de aceite: 27/01/2020

Jonathas Wilson Michelin

Graduando Licenciatura em História Universidade Estadual de Londrina jonathas.michelin@hotmail.com

Angelita Marques Visalli

Professora Doutora do Departamento de História da Universidade Estadual de Londrina

RESUMO: A presente pesquisa, busca entender a relação das relíquias de Santo Inocêncio Mártir com comunidade católica de Tomazina-PR e criar uma historicidade de sua chegada, tendo como fonte os relatos do livro tomo do santuário de N. Senhora da Conceição Aparecida e S. Inocêncio Mártir. De forma distinta de outros santos que fizeram parte das comunidades de origem em sua essência, como Francisco para Assis na Itália ou Santo Antônio de Lisboa em Portugal, Santo Inocêncio foi introduzido em uma comunidade estrangeira, com pouca ou nenhuma identificação cultural, pelo menos inicialmente em sua chegada. Para isso entender o que é o imaginário cristão bem como o que significa os santos e as relíquias para esse imaginário são pontos fundamentais para o entendimento, os quais dedicaremos nossos esforços para entender.

PALAVRAS-CHAVE: Relíquia; Santidade; Cristianismo; Mártir; Imagem.

Uma Relíquia Católica do século III se faz presente no Brasil, trata-se de Santo Inocêncio Mártir. A presentificação do santo Italiano do século III se dá através de suas relíquias. Consideradas sagradas pela Igreja Católica, as relíquias dos santos foram parte do substrato que possibilitou o florescimento do cristianismo na Antiguidade Tardia e Idade Média (Schimitt, 2007).

A cidade de Tomazina localizada na região norte do Paraná à uma distância de 298 quilômetros da capital paranaense, Curitiba, possui, segundo o Censo IBGE/ 2010, 8.788 habitantes e é banhado pelo Rio das Cinzas.

Tomazina assim como outras cidades do chamado Norte Pioneiro do Paraná ou sertão paranaense, sofreu com o esvaziamento que ocorreu nos anos de 1980 até os anos 2000, a cidade que chegou a ter vinte mil habitantes nos anos de 1970 tem hoje, pouco menos que 9 mil habitantes¹.

Esse esvaziamento se deu pela concentração de terras, nas mãos de poucos produtores aliado do surgimento ostensivo da

1 IBGE, Censo Demográfico 1950/2010. Até 1991, dados extraídos de Estatísticas do Século XX, Rio de Janeiro : IBGE, 2007 no Anuário Estatístico do Brasil, 1993, vol 53, 1993. Disponível em <https://seriesestatisticas.ibge.gov.br/series.aspx?vcodigo=CD91> acessado em 16/11/2018.

monocultura para produção em massa de commodities e a emancipação de vários distritos. A redução de oportunidades de trabalho principalmente no campo, forçou essa população de regiões predominantemente agrícolas a migrar para centros urbanos em busca de novas oportunidades de trabalho (KLEINKE, DESCHAMPS E MOURA 1999).

Na pequena cidade encontra-se a mais antiga paróquia dedicada a Imaculada conceição de Maria do Paraná, chamada Paróquia de Nossa Senhora da Imaculada Conceição Aparecida que hoje divide o patronato com o Santo Mártir introduzido na comunidade Católica local em 1975 (Tombo, 1952 a 1985).



Relicário de Santo Inocência Mártir (Acervo pessoal)

De forma geral, a santidade dos primeiros cristãos foi creditada pela igreja primitiva pelo seu martírio, pela fé inegável que carregavam, os mártires dos primeiros séculos, foram cristãos perseguidos pelo império Romano, que se tornaram santo através do martírio de sangue e do testemunho da Paixão de Jesus. (Le Goff 2017)

Segundo Le Goff, o Santo é a religião cristã, para o cristianismo o santo é escolhido por Deus para na terra ser instrumento seja de milagres, virtudes e/ou comportamentos religiosos exemplares, onde o escolhido possui uma vocação e a encarna até a morte, e que, em algum momento da vida é manifestada conduzindo-o a santidade (LE GOFF, 2017)

O Mártir é aquele que lembra, uma testemunha e o martírio é a morte dessa testemunha, Para definir Mártir; “ *no cristianismo do segundo século, o termo passou a designar uma pessoa que experimentava o sofrimento e, eventualmente, a morte, em função de sua pertença ao movimento de Jesus* (Miranda, 2016).

O IMAGINÁRIO CRISTÃO

Para entendermos a importância das relíquias, precisamos entender e conceituar o imaginário cristão e os desdobramentos do santo e das relíquias na formação das imagens mentais que dão forma ao conjunto de crenças que sustentam a fé cristã.

O imaginário cristão é um conjunto de crenças que constituem não somente o pensamento do indivíduo, é o substrato no qual emana uma coletividade, seja de pessoas, seja de crenças. Maffessoli definiu imaginário como; “[...] *uma força social de ordem espiritual, uma construção mental, que se mantém ambígua, perceptível, mas não quantificável[...]*” e acredita que “[...] *O imaginário é algo que ultrapassa o indivíduo, que impregna o coletivo ou parte dele[...]*”²

Imaginário tem origem do latim *imaginare*, traduzido para o português imaginar, formar uma imagem mental, o termo pode ter derivação de *imago*, ou seja, imagem, representação. No caso cristão existe algumas representações fundamentais para se formar essa imagem mental, esse imaginário.

Paul Veyne, ao tomar o cristianismo como uma obra prima, oferece-nos a primeira parte do substrato do imaginário cristão, onde coloca o cristianismo a como a religião do amor, uma religião superior ao paganismo devido a seu “[...] *enriquecimento espiritual e intelectual*” e que no século III durante o governo de Constantino “[...] *ainda era sumária, mas, mesmo assim superou o paganismo*”.³

Um Deus que se fez homem, na figura do Cristo, para possibilitar a relação direta entre a humanidade e a divindade, uma relação de misericórdia já que o Homem-Deus se sacrificou por toda a humanidade. Essa misericórdia divina é mais um ponto de divergência entre o cristianismo e o paganismo – ou conforme Veyne (2014), é mais um ponto de “[...] *superioridade relativa*” que “[...] *viriam a ser decisivas na escolha que Constantino fez dessa religião como verdadeira e como digna de seu trono*”⁴.

O Cristo serviu como *exempla*, Deus na terra mostrando a humanidade como se deveria viver, para alcançar outra característica do cristianismo, a ressurreição da alma e do corpo. A morte é outro substrato que dá vida ao universo cristão, a morte terrena não quer dizer o fim, mas sim um começo da vida para com Deus. Um exemplo disso são as datas de comemorações das Vitas Sanctum, em geral o dia do Santo não é comemorado em sua natividade e sim em sua morte, na glória do martírio ou na entrega de sua alma a Deus, que recebe os santos para a vida eterna⁵.

2 MAFFESOLI, M. **O imaginário é uma realidade**. [Entrevista concedida a] Juremir Machado da Silva. Revista Famecos, v. 8, n. 15, p. 74-82, 2001.

3 VEYNE, Paul. Quando nosso mundo se tornou cristão- 3º ed. – Rio de Janeiro-RJ- ed. Civilização Brasileira, 2014. P35 – 38.

4 VEYNE, 2014 Op. Cit. p. 35

5 Franco Junior, H. Apresentação in VARAZZE, J. de, 1229-1298 **Legenda Áurea**: Vidas de santos. Tradução do latim, apresentação, notas e seleção iconográfica Hilário Franco Júnior. 1º edição. São Paulo: Companhia das letras, 2003p

Os humanos comuns, após a morte teriam de aguardar o retorno do messias para o julgamento final, característica apocalíptica do cristianismo desde seus tempos mais primitivos, os santos por sua vez – principalmente os mártires⁶ – teriam acesso garantido e dormiriam um sono profundo e acordariam somente no juízo final.

Essa espera para o juízo final criou o chamado Purgatório (1150-1250) uma espécie de além intermediário onde os mortos comuns passam por uma provação. A ideia de purgatório aproximou ainda mais os vivos e os mortos, nesse momento da história do cristianismo, o vivo passa a ter obrigação de sufrágios para encurtar esse período de provações do morto. Portanto a crença no purgatório está ligada a crença da imortalidade, ressurreição do corpo e da alma, conforme Le Goff (2017);

A crença no purgatório implica antes a crença na imortalidade e na ressurreição, pois algo de novo pode acontecer para um ser humano entre sua morte e sua ressurreição. Ela é um suplemento de condições oferecidas a certos humanos para alcançar a vida eterna. Uma imortalidade que se ganha ao longo de uma única vida.⁷

A característica apocalíptica do Cristianismo vem do século I com as conhecidas cartas de João de Patmos as sete igrejas do oriente (conhecida como o livro do apocalipse na Bíblia), um dos documentos que fizeram parte do extenso epistolário cristão, o medo então faz um Deus, mesmo que misericordioso, o Deus cristão gerava temor⁸.

No cristianismo, o fiel está sempre sendo olhado pelo Deus onipresente, enquanto no paganismo observa-se que os deuses vivem por si e não em função dos fiéis. Outra característica do cristianismo é sua lei severa como contraste seu Deus é misericordioso, “[...] *um Pai cuja Lei é severa, que faz com que você ande retamente, mas que como o Deus de Israel está sempre pronto a perdoar.*”⁹

Definir o que é o imaginário cristão, é uma tarefa um tanto complexa, tomaremos então alguns pressupostos do cristianismo como base dessa imagem mental a ser criada no seio da Igreja, o amor, o temor, o nascimento, a morte, o purgatório e a ressurreição do corpo e da alma. Pensando na base do cristianismo definiremos o imaginário cristão como uma força social, capaz de construir e moldar uma sociedade através da construção de uma mentalidade coletiva, ou conjunto de normas fundamentadas na vida e morte do Cristo.

6 Citamos os mártires por se tratar ainda do século I, período em que na grande maioria das vezes a santidade era reconhecida através do martírio de sangue, nesse período as cartas de João a Esmirna e outras igrejas do oriente deu origem a um substrato importante no imaginário cristão.

7 Le Goff, Jacques. O nascimento do purgatório, Petrópolis-RJ. Ed. Vozes, 2017 p.15

8 VEYNE, 2014 Op. Cit. p 41

9 VEYNE, 2014 Op. Cit. p. 40-41

O SANTO NO IMAGINÁRIO CRISTÃO

O santo é aquele que “*procurou em vida, se não, identificar-se com a pessoa do filho de Deus, pelo menos, aproximar-se ao máximo dessa norma absoluta*”¹⁰. Para Le Goff “*O Santo é a própria religião cristã*” e “*a aparição dos santos marcam uma das primeiras rupturas com o Judaísmo*”¹¹. Vauchez nos adverte, que como historiadores devemos “*desmascarar as falsas continuidades postuladas*”¹², que no campo da religião inevitavelmente nos levaria ao anacronismo, já que a figura de um bispo da idade média sofreu mutações em relação a um homem que exerce a mesma função atualmente.

Silva (2016) nos apresenta que “*o fenômeno da santidade é histórico e como tal, não é estático*”. O Santo por tanto não é uma figura estática e levar a cabo essa ideia nos impede de cair no anacronismo histórico, que a instituição Igreja pode nos lançar com os repetitivos modelos de santidade¹³. A santidade pode estar muito mais ligada as crenças e valores de uma sociedade onde o indivíduo santificado está inserido de que por milagres e qualidade de aproximação com a figura do Cristo.

A figura histórica de Jesus, assim como os primeiros, cristãos foram educados através das Escrituras Hebraicas e, portanto, conforme os costumes judeus. Paulo pregou no templo judeu, pois como não havia uma diferenciação formal até então entre judeus e cristãos, ele fazia uso do espaço para propagar a ideia de que os profetas haviam previsto a vinda do Messias, e que esse messias seria Jesus, o que desagradava os judeus¹⁴.

O judaísmo era uma religião licita no Império Romano, aceitando em sua maioria o culto ao Imperador, algo que para os então seguidores de Jesus seria inaceitável, pois uma coisa era aceitar o Imperador como autoridade civil, outra seria aceitar o Imperador como representante de Deus na terra, algo que comprometeria a Aliança com Jesus¹⁵.

Os primeiros cristãos a medida que se apresentavam como ameaça ao império ou aos nobres das diversas localidade do Império, eram perseguidos e martirizados. S. Inocência apesar de ter vivido e recebido o martírio no século III, faz parte dessa 1ª categoria de cristãos, um período em que a perseguição ceifou milhares de vidas, fazendo nascer a figura dos santos mártires

Somente no ano 70, após a expulsão dos cristãos do templo que se iniciaram as rupturas com o Judaísmo. Nesse período os cristãos ficaram vulneráveis as leis

10 VAUCHEZ, Andre; O Santo, IN LE GOFF, Jacques; O Homem Medieval. Editora imprensa, Lisboa PT, 1989 p. 211

11 LE GOFF, Jacques, Em busca do tempo sagrado; Tiago de Varraze e a Lenda Dourada, p53-54

12 VAUCHEZ, Andre; O Santo, IN LE GOFF, Jacques; O Homem Medieval.

13 FRAZÃO DA SILVA, Andréia C. L.: Mulheres e Santidade na idade média in: FRAZÃO DA SILVA, Andreia C. L e SILVA, Leila Rodrigues da: Mártires, Confessores e Virgens; O culto aos Santos no ocidente Medieval, p147-182.

14 ATOS 5; 42-43 in Bíblia Sagrada.

15 MARTY, Martin; O Mundo Cristão; Uma História Global, p19-46.

romanas e seguiu-se a isso as perseguições. Paulo foi capturado e morto em razão de sua fé inegável, sendo martirizado assim como outros seguidores e difusores das ideias de Jesus. Essa morte violenta e a inegável fé transformaram essas pessoas nos primeiros santos da Igreja cristã primitiva.¹⁶

RELÍQUIAS NO IMAGINÁRIO CRISTÃO

Ao nos distanciarmos da história da arte, perceberemos que, na idade média, a imagem estava além de suas funções estéticas, antes dessa função as imagens tinham funções de extrema importância nos ritos e na devoção sobretudo no que podemos chamar de mundo cristão. As imagens na idade média “...devem mais ao culto de que a arte, no que em parte ela tem, entre outras, uma ligação com a relíquia”. (Schmitt, 2007 p. 279)

Schmitt(2007) diz que não podemos deixar de considerar que, nem todas as imagens possuem relíquias, como no caso dos vitrais e das iluminuras dos manuscritos medievais, por outro lado as imagens relicários ou as chamadas majestades possuem uma função ritual acentuada. Os retábulos, por exemplo, enquadram as relíquias e algumas imagens como a Verônica ou a Virgem de S. Lucas, são consideradas imagens relíquias. O cruzamento das relíquias e das imagens na história, possibilitaram uma história dos objetos considerados sagrados.

Na antiguidade romana pagã, os mortos eram considerados impuros, os cemitérios eram fora dos limites das cidades em locais não habitados. O culto cristão das relíquias pelo cristianismo permitiu uma ruptura com esse aspecto pagão. Criou-se o costume de enterrar os mortos santos nas igrejas urbanas, o que gerava repulsa nos pagãos, porém em primeiro momento, os mortos comuns continuavam a serem sepultados conforme a tradição pagã, não sendo a igreja nesse momento a responsável pela sistematização da prática funerária.¹⁷

Durante a dinastia Carolíngia (751 -987) a igreja institui a extrema unção e o ritual litúrgico dos defuntos, com isso surgem os primeiros coletivos de sepulturas nas zonas urbanas, uma primeira aproximação entre os vivos e os mortos comuns, os sepultamentos *ad sanctos*, uma forma de sepultamento privilegiado, já que era um sepultamento junto a relíquia dos santos, essas que poderiam oferecer aos mortos comuns proteção¹⁸. As igrejas passam a ter papel central nos cemitérios, as sepulturas ficam ao seu redor ou até mesmo dentro delas, esse último sendo um modo de sepultamento muito procurado pelo clero e pela aristocracia, como uma forma de sepulcro privilegiado.¹⁹

16 VAUCHEZ(1989) Op. Cit. P211

17 Baschet, Jérôme, 2006. Op. Cit. p.341

18 *Ad sanctos*; termo em latim que significa junto aos santos Baschet, Jérôme, 2006. Op. Cit. p.341

19 Baschet, Jérôme, 2006. Op. Cit. p.342

As relíquias emanavam a santidade e por isso eram objetos de desejo para os cristãos, possuir uma relíquia conferia ao portador um prestígio maior, tal prestígio acabava por ser refletido na comunidade onde a relíquia se encontrava, outro fator levado em consideração era o tipo de relíquia que o local possuía. Os tipos de relíquias podem ser observadas em definição de Capelão (2011) em *“El culto de relíquias em Portugal em los siglos XVI e XVII;”*

1- *Restos de corpos dos santos, inclusive inteiro ou parte dele (ossos, sangue, dentes, pelos, unhas e toda variedade possível de peças anatômicas. Essas são relíquias primárias.*

2- *Todas as coisas usadas por Cristo e pelos santos ou coisas que foram santificadas por seu contato (Roupas, panos que o corpo esteve envolvido depois de morto, sandálias, livros, entre outras). Estas são relíquias secundárias.*

3- *Todos os objetos físicos relacionados aos casos anteriores. Esses são considerados relíquias terciárias²⁰*

A CHEGADA DE SANTO INOCÊNCIO À TOMAZINA.

Segundo o Livro Tombo nº3 (1952-1985) Inocêncio foi um jovem italiano cristão que diante da perseguição romana não deixou de lado suas crenças e por esse motivo se tornou junto de muitos outros cristãos perseguidos, mártir e santo. Inocêncio foi decapitado próximo dos 16 anos de idade e seus restos mortais foram recolhidos por outros cristãos e depositados nas catacumbas de São Calixto²¹.

Consideradas sagradas, as relíquias, tiveram na idade média funções históricas pois presentificavam os mistérios cristãos e ajudavam a construir uma historicidade do cristianismo, pois traziam para o imaginário cristão a ideia de onipresença, sendo utilizadas como forma de culto aproximando o passado do presente (Schmitt, 2007, p 292).

Entre os séculos I e III a santidade dos cristãos foi reconhecida pela morte, os Mártires cristãos foram aqueles que deram suas vidas em razão da fé se aproximando ao martírio de Jesus e reconhecidos como primeiros Santos da Igreja. Quando possível seus restos mortais eram recolhidos por outros cristãos e sepultados em cemitérios subterrâneos, que ficaram conhecidos como Catacumbas. Esses locais se tornaram pontos de culto cristão e veneração daqueles que eram exemplos de

20 Versão original em espanhol in: CAPELÃO, Rosa M. dos Santos. *El Culto de Relíquias em Portugal em los siglos XVI e XVII. Contexto, norma, funciones y simbolismo*. Porto: Tese de doutoramento apresentada a Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 2011. APUB NASCIMENTO, Renata Cristina de Sousa; COSTA, Paula Pinto. *A Visibilidade do Sagrado: Relíquias Cristãs na Idade Média*. Curitiba: Prismas, 2017.7

21 Não tivemos acesso a Hagiografia de Inocêncio o que sabemos sobre a vida do Santo vem dos relatos do Livro Tombo da Paróquia de Tomazina, os relatos do livro tomo foram escritos pelo vigário e idealizador do traslado das relíquias e de seus coadjutores (p 42 - 51), uma hipótese para a inexistência de uma hagiografia, digamos, “oficial”, como relatos de compilados hagiográficos da literatura de exemplum, poderia estar relacionada, com o desconhecimento de relatos “maravilhosos” ou “miraculosos” ligados a santidade de S. Inocêncio.

compromisso com a fé e que tiveram os restos mortais ali estavam depositados (Le Goff, 2017 p55).

A perseguição aos cristãos cessa após Constantino recorrer ao Deus dos Cristãos em 313, na conhecida batalha da ponte Mílvia. Após a visão de um sonho, o imperador fez uso do símbolo Cristão “XP”. Em seu sonho ao olhar para o Sol, além do XP, que juntos, em grego, formam a inicial Cris de Cristo, viu a inscrição “*in hoc Signos vince*” - Sob esse símbolo vencerá. Com a vitória, Constantino tira o cristianismo da marginalidade aceitando seus cultos (Brown, 1972).

Anos mais tarde em 392, Teodósio transforma o Cristianismo em Religião do Império, após isso a santidade continuou a ser reconhecida pelo martírio e até hoje é reconhecida dessa forma, porém de forma mais esporádica. Com isso a Santidade Cristã deixa de ser reconhecida, predominantemente, pela morte equivalente a morte de Jesus e passa a ser reconhecida pela Vida Santa, pela vida aproximada dos ensinamentos cristãos (Le Goff, 2017).

As Relíquias de Santo Inocência repousaram por 15 séculos nas Catacumbas de São Calixto localizada em Roma na Itália. A religiosidade judaico-cristã costumava levar o corpo dos mortos ao contato com a terra para aproximar-se da ideia da Septuaginta do pó ao pó, ou seja, “*Com o suor do teu rosto comerás teu pão, até que te tornes ao solo. Pois dele foste tirado. Pois tu és pó e ao pó tornarás*”²².

As catacumbas romanas eram, cemitérios subterrâneos que além de local de repouso dos mortos era também utilizada como locais de culto para os cristãos que eram impedidos de professar sua fé publicamente, devido as perseguições do império Romano (Martins, 2015).

Martins (2015), atribui ao ano 100- 200 a origem das catacumbas, pois antes disso os cristãos não tiveram cemitérios próprios e os mortos eram enterrados em cemitérios comuns, nessa época registra-se as primeiras escavações ao longo das estradas de Roma, entre 200 e 300 as catacumbas eram extensão dos locais da fé cristã, sendo responsabilidade dos cristãos os cuidados necessários.

O século IV foi marcado pela livre veneração dos mártires ali repousados. Entre os séculos V e IX as catacumbas se tornaram locais de peregrinação e a Igreja retirou parte das relíquias devido aos saques. Até o século XVI as catacumbas ficaram esquecidas sendo redescobertas no século XVII (Martins, 2015).

A Relíquias de Inocência foram retirados das catacumbas de São Calixto no Século XVIII, por determinação do PAPA Leão XII, as de Inocência foram enviadas a comuna Italiana de Lendinara, na Igreja de Santa Águeda, anexa ao convento dos Frades Menores Capuchinhos (Livro Tombo, nº3. 1952 – 1985).

Durante 65 anos a mesma ordem, Capuchinhos Menores, foram responsáveis pela paróquia de Nossa Senhora Conceição Aparecida de Tomazina-PR. Em 1975

22 Genesis 3; 19 in Bíblia de Jerusalém p 16

o Vigário da paróquia, Frei Carlos Maria, conseguiu as devidas autorizações para trazer ao Brasil as relíquias de Santo Inocência.

Frei Carlos Maria, era o nome religioso de Aristides Benetti, filho de Carlos Benetti e Justina Raserá, devoto fiel de Maria, nasceu em Curitiba em 01 de Maio de 1922, estudante de Teologia, foi ordenado sacerdote em 1944, na igreja das Mercês, a mesma igreja pela qual passaram as relíquias de Santo Inocência anos mais tarde. Em 1948 partiu para a Itália para estudar filosofia, local onde teve o primeiro contato com as relíquias que estavam na igreja de Santa Águeda. Retornou ao Brasil em 23 de maio de 1952, deu aulas de filosofia em Campo Magro-PR, foi Pároco em Cruzeiro do Oeste e se afastou do cargo após grave acidente automobilístico em 1969.

Ao retornar as atividades sacerdotais, foi designado a Tomazina. Na cidade além das relíquias de Santo Inocência Mártir, destacou-se pelo número de igrejas rurais construídas, 10 igrejas com 10 salões paroquiais entre 1970 e 1979. No ano de 1975 trouxe as relíquias que tanto sonhou em trazer para o Brasil, ficando marcado positivamente na comunidade religiosa tomazinense. frei Carlos faleceu em 02 de novembro de 2001 aos 79 anos de idade, em decorrências de complicações de um AVC (acidente vascular cerebral) sofrido dois anos antes, que o deixou acamado.²³

As relíquias de Santo Inocência estão expostas na cidade de Tomazina e disponível para a veneração dos fiéis, no Santuário de Nossa Senhora Conceição Aparecida e Santo Inocência Mártir. As relíquias na cultura cristã são objetos santificados de extrema importância para a religiosidade. Pensemos então em uma relíquia daqueles que foram os primeiros Santos da Igreja em seu primitivismo, e que os Santos são a Igreja como disse Le Goff (2017).

A exploração do relicário e das relíquias poderão nos falar a relação da comunidade cristã local com um Santo estrangeiro, introduzido nessa comunidade por um Frei Capuchinho, que durante 29 anos buscou alcançar seu objetivo de trazer para o Brasil uma relíquia, com a qual se encantou em meio aos estudos de filosofia na Itália.

Para entendermos melhor o lugar de Santo Inocência Mártir na comunidade tomazinense é necessário entender melhor sua chegada ao Brasil, não cabe aqui aprofundarmos no lugar que o santo ocupa, pois seria uma longa reflexão e aprofundamentos em métodos de História Oral e Etnografia, além da análise do livro tombo e das relíquias que é o que nos propomos no momento, porém vale ressaltar que a cidade acolheu cerca de 20 mil pessoas para a recepção da relíquia, sua chegada se deu em um helicóptero vindo da Capital paranaense Curitiba, após a relíquia ficar exposta para visitaçã na igreja das Mercês em tal cidade.

23 Necrologia Novembro dos Capuchinos disponível em www.capuchinos.org.br/provincia-sao-lourenco-de-brindes/institucional/necrologia/novembro acessado em 17/11/2018

Entre 1948 e 1952, Frei Carlos Maria, fez seu Doutorado em Filosofia em Roma na Itália. Esse foi o primeiro contato do Frei com as relíquias da Igreja de Lendinara, ali também foi onde o Frei despertou seu interesse nas relíquias que havia convivido na Itália; *“Desde que o Pe Vigário, Frei Carlo Maria(Arisitides Benetti) retornou de seus estudos superiores em Roma(1948 a 1952) sempre alimentou a ideia de trazer uma relíquia de santo para a devoção popular”* (Livro Tombo nº3, p 42) .

No ano de 1970 foi designado a assumir o comando da Paróquia de Tomazina em meio a uma grave crise institucional. Assumida as funções junto a Paróquia em 1970, recebeu em 1972, seu auxiliar que seria também seu grande apoiador no projeto de emigração das relíquias sagradas para o Brasil, seu coadjutor frei Mario Massarante, um Italiano que após deixar suas atividades na paróquia da Vila de N. Senhora da Luz em Pinhais-PR foi transferido para a cidade de Tomazina (Tombo, p. 29 – 39).

No ano de 1973 frei Mario viajou a Itália para visitar sua mãe que se encontrava acamada em estado grave, ficando em seu país de origem até outubro daquele mesmo ano. Após o falecimento de sua mãe retornou a Tomazina. Em maio do ano seguinte frei Mario retornou a seu país de origem em férias onde se hospedou na cidade de Veneza, apoiando frei Carlos nas devidas autorizações do traslado das relíquias para o Brasil.

Em 7 abril de 1975 frei Carlos adoeceu em meio a uma reunião dos vigários na cidade de Curitiba, e se tratou de uma paralisia facial até dia 24 do mesmo mês e ano. Em 7 de maio de 1975, mesmo recém recuperado do problema de saúde que a pouco o acometeu, frei Carlos Maria e Coadjutor viajara até a Itália iniciando a grande jornada dos freis capuchinhos até o encontro das relíquias de S. Inocência (Tombo, 1952-1985 p40)

Até então tudo transcorreu na normalidade, os freis viajaram de avião sob autorização de seus superiores, ao chegar na Itália, todos os trâmites de autorização junto ao provincial de Veneza para o traslado foram feitos corretamente, porém um detalhe acabou por passar despercebido e foi resolvido através das peripécias de um frei predestinado e aplicado em trazer as santas relíquias do mártir ao Brasil.

As relíquias de S. Inocência são corporais, portanto, são enquadrados nas regras de transporte de restos mortais de seres humanos, exigindo dessa forma uma extensa documentação e burocracia com as quais os freis franciscanos poderiam encontrar dificuldades para realizar o traslado. Com isso frei Carlos, registrou as relíquias como imagem sacra, durante todo percurso, do dia 03 de agosto a 17 de agosto de 1975, há relatos que frei Carlos rezava o terço pedindo interseção divina a Nossa Senhora do Perpétuo Socorro, para que a alfandega não barrasse a entrada das relíquias registradas como imagens, no Brasil (Livro Tombo,nº3. 1952-1985).

No dia 17 de agosto o navio que trazia os freis capuchinos e as relíquias,

atracou no Rio de Janeiro. Facilmente passaram pela alfandega e rumaram para a cidade de Aparecida do Norte, onde foi realizada uma missa de apresentação das relíquias recém-chegadas ao Brasil. O próximo destino de S. Inocência foi Curitiba, onde aguardou alguns dias e possibilitou a visita de fiéis na Igreja das Mercês, onde frei Carlos havia sido ordenado sacerdote. As relíquias ganharam uma urna artística confeccionada em pelos entalhadores Irmãos Guzzo, que envolvem o relicário protegendo-o da ação do tempo até os dias de hoje (Livro Tombo, nº3. 1952-1985).



Detalhe da Relíquia; Osso do Úmero esquerdo (Acervo Pessoal)

Dia 09 de novembro de 1975, esse dia ficou marcado na história da pequena cidade no sertão paranaense, a emoção tomou conta da cidade que parou para receber as relíquias de Santo Inocência. *‘Olhem o helicóptero! Lá vem o Avião! E a multidão que se comprimia ao redor do Estádio Moyses Chueire de Tomazina se eletrizou com a visão espetacular’²⁴*, referindo-se ao momento da chegada do helicóptero que transportava as relíquias, corporais do santo mártir. *Esse é o relato encontrado no Livro Tombo da paróquia de Tomazina descrevendo um pouco da reação da população Tomazinense no momento da chegada de S.Inocência. faixas e cartazes se viam espalhados pela cidade, mas uma na entrada da praça da Cidade ganhou destaque nas escritas do livro Tombo ao anunciar; “Santo Inocência, você é*

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Apresentamos aqui uma narrativa da chegada das relíquias de Santo Inocência ao Brasil no ano de 1975, baseada em dados extraídos do Livro Tombo da antiga paróquia de Nossa Senhora da Imaculada Conceição Aparecida, hoje Santuário de Nossa Senhora da Imaculada Conceição Aparecida e Santo Inocência Mártir. Com isso percebemos a movimentação que o Santo Mártir gerou na pequena cidade interiorana do Estado do Paraná, cabe agora um maior desenvolvimento do assunto, que nos apresenta uma gama de opções de pesquisa por onde poderemos nos “aventurar”.

Pudemos através dos registros oficiais da Paróquia entender que Santo Inocência foi um forasteiro muito bem recepcionada no sertão paranaense. Podemos nos perguntar agora e a versão daqueles que estiveram na chegada das relíquias? Reproduz através da memória as mesmas percepções registradas no Livro Tombo? Cabe indagar também as reações atuais da comunidade local para com o Santo Mártir, ainda verificamos a mesma cumplicidade que antigamente? Quais fatores contribuem para as relações atuais?

Como dissemos anteriormente a gama de caminhos para o aprofundamento dos estudos é grande, porém necessário maior aprofundamento teórico acadêmico em estudos das imagens relíquias, do mártir e da santidade no imaginário cristão e para nos apoiar na oralidade maiores conhecimentos sobre a história oral e estudos etnográficos.

REFERÊNCIAS

BÍBLIA SAGRADA. Nova edição, revista e ampliada. São Paulo: Paulus, 1989.

Biografia “Carlos Maria” Aristides Benetti , Capuchinos do Brasil, disponível em <http://www.capuchinhos.org.br/provincia-sao-lourenco-de-brindes/institucional/necrologia/novembro> Acessado em 17/11/2018.

BROWN, Peter. **O fim do mundo clássico:** de Marco Aurélio a Maomé . Ed. Verbo, Lisboa- Portugal. Tradução de António Goncalves Matoso, 1972

CAPELÃO, Rosa M. dos Santos. **El Culto de Relíquias em Portugal em los siglos XVI e XVII.** Contexto, norma, funciones y simbolismo. Porto: Tese de doutoramento apresentada a Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 2011. APUB

CAPELÃO, Rosa María Dos Santos. **Trento y el culto de reliquias.** Un difícil disciplinar. 2013. p. 181 Disponível em < <https://ifc.dpz.es/recursos/publicaciones/33/01/17capelao.pdf> > acessado em 08/08/2019

COSTA, Paula Pinto. **A Visibilidade do Sagrado**: relíquias cristãs na idade média / Paula Pinto Costa, Renata Cristina de Sousa Nascimento – 1 ed. – Curitiba: Editora Prisma, 2017

KLEINKE, Maria de Lourdes Urban, DESCHAMPS Marley Vanice, MOURA, Rosa. **Movimento Migratório no Paraná (1986-91 e 1991-96)**: origens distintas e destinos convergentes IN Revista Paraná Desenvolvimento, Curitiba, Nº 95, Jan/Abr 1999 p27-50 disponível em <https://dialnet.unirioja.es/descarga/articulo/4813430.pdf> acessado em 16/11/2018.

LE GOFF, JACQUES: **EM BUSCA DO TEMPO SAGRADO**: Tiago de Varazze e a Lenda dourada, 2ª edição, editora Civilização Brasileira Rio de Janeiro – RJ, 2017, 286 p.

LE GOFF, JACQUES: **A CIVILIZAÇÃO DO OCIDENTE MEDIEVAL**, 1ª edição, Petrópolis – RJ, 2016 editora Vozes, 387 p.

LE GOFF, JACQUES: **O DEUS DA IDADE MÉDIA**: Conversas com Jean-Luc Pouthier. Tradução Marcos de Castro, 4º ed. Editora Civilização Brasileira, Rio de Janeiro 2017, 126 p.

MARTINS, Angelina Carr Ribeiro, **A Relígio do cristianismo primitivo**: Artes Simbolos e resignificações nas Catacumbas Romanas in Revista Ultimo Andar, n 25, 2015. Disponível em <<https://revistas.pucsp.br/index.php/ultimoandar/article/view/24646/1>> acessado em 16/11/2018

MIRANDA, Valtair Afonso. Mártires na antiguidade e na Idade Média in **Mártires, Confessores e Virgens**, o culto aos Santos no Ocidente medieval, (org) SILVA, Andreia Cristina Lopes Frasso da e SILVA, Leila Rodrigues da. Petrópolis-RJ Ed. Vozes 2016. 197 p

NASCIMENTO, Renata Cristina de Sousa; COSTA, Paula Pinto. **A Visibilidade do Sagrado**: Relíquias Cristãs na Idade Média. **Curitiba: Prisma**, 2017.7

MAFFESOLI, M. **O imaginário é uma realidade**. [Entrevista concedida a] Juremir Machado da Silva. Revista Famecos, v. 8, n. 15, p. 74-82, 2001.

SCHMITT, JEAN CLAUDE: **O CORPO DAS IMAGENS**: Ensaio sobre a cultura visual na Idade Média 2ª edição, Florianópolis-SC Ed.: EDUSC, 2007, 380 p.

VEYNE, Paul. **Quando nosso mundo se tornou cristão**- 3º ed. – Rio de Janeiro-RJ- ed. Civilização Brasileira, 2014. P35 – 38.

VAUCHEZ, Andre; O Santo, IN LE GOFF, Jacques; **O Homem Medieval**. Editora imprensa, Lisboa PT, 1989

ÍNDICE REMISSIVO

A

Ariano suassuna 154, 155, 156, 157, 158, 159, 160, 161, 162, 163, 164
Armando de salles oliveira 180, 181, 182, 183, 184, 186, 188, 190, 192
Arte sacra 246, 253, 255
Assentamento 337, 351, 353, 354, 355, 356, 358, 359, 360, 361, 362

B

Bíblia 211, 215, 284, 286, 290, 291, 292, 293, 294, 295, 296, 297
Biografia 166, 178, 200, 219, 233, 235, 241, 243, 244, 299, 330, 331, 332

C

Consciência histórica 19, 47, 50, 51, 106, 108, 109, 110, 115, 117, 134, 135, 138, 166, 172, 173
Contestado 131, 132, 133, 134, 136, 137, 138, 139, 140
Cotas 181, 182, 190, 191, 194, 195, 196, 197, 198, 202, 203, 205, 206
Cultura 7, 10, 12, 14, 15, 16, 18, 19, 22, 24, 26, 29, 30, 35, 36, 37, 39, 40, 41, 42, 51, 55, 56, 61, 69, 72, 73, 75, 76, 77, 79, 81, 82, 83, 84, 86, 88, 89, 90, 93, 95, 103, 115, 118, 119, 120, 121, 122, 130, 143, 147, 148, 153, 154, 155, 156, 157, 158, 159, 161, 162, 163, 164, 172, 174, 181, 184, 185, 187, 190, 192, 194, 196, 202, 203, 204, 216, 220, 236, 245, 261, 270, 277, 280, 281, 289, 290, 297, 299, 306, 307, 320, 321, 322, 323, 326, 328, 329, 343, 344, 351, 353, 357, 358, 360, 361, 362, 363, 366, 368, 369, 371, 374, 375, 376
Cultura política 270, 299, 306, 307, 351, 353, 357, 358, 360, 361, 362, 376
Currículo 14, 15, 16, 17, 18, 20, 22, 23, 37, 43, 47, 49, 53, 56, 57, 58, 60, 63, 64, 67, 68, 77, 79, 80, 96, 104, 107, 111, 120, 121, 122, 194

D

Diocese 102, 246, 251, 253, 255, 256, 258, 259, 264, 266, 269, 270
Discurso 4, 5, 15, 24, 31, 49, 78, 102, 124, 128, 129, 153, 155, 180, 183, 186, 187, 233, 238, 239, 241, 243, 255, 256, 274, 284, 285, 286, 287, 288, 290, 291, 292, 293, 294, 296, 297, 300, 302, 303, 304, 305, 306, 314, 315, 317, 375

E

Educação infantil 69, 70, 71, 72, 74, 75, 76, 77, 78, 79, 107, 206
Educação patrimonial 80, 83, 89, 90, 91, 92, 93, 332
Egito 156, 308, 310, 311, 312, 313, 314, 315, 316, 318, 319
Ensino das ciências 53, 54, 58, 62, 67
Ensino de história 1, 2, 12, 15, 19, 24, 37, 39, 44, 49, 51, 68, 91, 92, 99, 103, 106, 108, 117, 118, 119, 124, 129, 130, 153, 171, 172, 177, 179
Ensino fundamental 14, 15, 16, 21, 44, 70, 75, 93, 102, 104, 107, 118, 120, 123, 128, 129, 130, 132, 138, 139
Ensino médio 75, 123, 131, 136, 138, 139, 141, 142, 143, 152
Escravidão 5, 7, 9, 31, 43, 138, 141, 142, 143, 145, 146, 148, 151, 152, 153, 201, 346, 376
Etnografia 47, 216, 332

F

Folclore 14, 164, 321, 322, 328

Formação de professores 54, 55, 68, 76, 79, 106, 107, 108, 109, 178, 179

H

Hagiografia 214, 233, 236

História da educação 54, 68, 130, 165, 166, 171, 172, 174, 175, 177, 179, 192, 194

História indígena 35, 37, 40, 42, 44, 48, 49, 50, 51

I

Igreja 87, 92, 100, 148, 199, 208, 209, 211, 212, 213, 214, 215, 216, 217, 218, 221, 222, 223, 224, 225, 227, 228, 229, 230, 231, 237, 239, 240, 241, 243, 246, 247, 248, 250, 251, 252, 254, 257, 258, 260, 261, 263, 264, 265, 266, 268, 270, 274, 276, 282, 289, 290, 291, 292, 298, 299, 300, 301, 302, 303, 305, 306, 307, 322, 343, 347

Interdisciplinaridade 19, 141, 142, 145, 146, 148, 149, 150, 152, 153, 178

Iphan 90, 105, 330, 331, 332, 335, 336, 337, 338, 339

J

José de anchieta 225, 229, 232, 233, 234, 235, 239, 240, 241, 242, 244

L

Lei federal 14, 69, 70, 72, 78

Leitura 1, 2, 3, 24, 29, 62, 113, 114, 115, 118, 119, 125, 127, 128, 156, 160, 174, 231, 268, 272, 277, 282, 284, 286, 290, 291, 292, 293, 294, 297, 306, 340, 345, 360

Livros didáticos 37, 41, 42, 43, 44, 45, 46, 59, 63, 66, 118, 119, 120, 122, 123, 124, 125, 126, 128, 129, 130, 138, 140, 141, 142, 146

M

Manaus 26, 35, 36, 258, 259, 264, 265, 266, 267, 269, 270, 363, 364, 365, 366, 367, 368, 369, 370, 371, 372, 373, 374, 375

Mártir 43, 208, 209, 214, 216, 217, 218, 219, 263

Memória 1, 2, 10, 13, 14, 24, 26, 28, 33, 34, 35, 36, 42, 50, 51, 52, 80, 81, 83, 84, 86, 87, 88, 90, 93, 96, 97, 100, 101, 102, 103, 105, 112, 124, 130, 131, 132, 133, 136, 139, 140, 141, 151, 152, 155, 167, 172, 179, 219, 228, 231, 235, 237, 276, 300, 307, 308, 310, 318, 319, 331, 362, 371, 376

Murais 18, 246, 247, 248, 253, 256, 257

N

Negritude 1

O

Ordens religiosas 236, 237, 240, 243, 271, 272, 273, 274, 278, 279, 280, 281, 282, 283

P

Paraíba 91, 92, 93, 94, 97, 98, 99, 101, 104, 156, 160, 298, 299, 300, 301, 302, 303, 305, 306, 307, 308
Patrimônio cultural 80, 86, 87, 91, 92, 93, 94, 95, 103, 104, 256, 330, 332, 338
Patrimônio histórico 80, 83, 87, 89, 90, 330, 335
Paulo bourroul 53, 54, 57, 58, 59, 60, 61, 62, 63, 64, 65, 66, 67
Pensamento educacional 154
Pensamento social brasileiro 321, 326, 328
Pinturas históricas 118, 120, 123, 124, 125, 127, 128, 129
Política 14, 17, 21, 23, 36, 42, 48, 49, 56, 59, 68, 80, 105, 119, 121, 122, 129, 135, 155, 156, 160, 161, 171, 174, 180, 181, 182, 183, 184, 186, 190, 191, 192, 194, 195, 196, 197, 199, 202, 205, 206, 207, 233, 240, 241, 242, 243, 247, 261, 270, 285, 288, 289, 291, 298, 299, 302, 304, 305, 306, 307, 312, 313, 314, 320, 325, 335, 340, 342, 343, 344, 349, 351, 353, 357, 358, 359, 360, 361, 362, 363, 373, 374, 376
Políticas afirmativas 21, 22, 194, 195, 196, 197, 198, 199, 200, 201, 202, 203, 204, 205, 206
Porto seguro 103, 126, 128, 221, 222, 223, 226, 227, 228, 229, 230, 231
Portugal 97, 178, 208, 214, 219, 223, 227, 229, 232, 245, 269, 271, 272, 274, 281, 282, 283, 323, 324, 325, 340, 341, 344, 345, 346, 347, 348, 349, 350
Profhistória 37, 91

R

Rap 363, 364, 365, 366, 369, 370, 371, 373, 374, 375
Religião 5, 19, 73, 102, 175, 209, 210, 212, 215, 245, 264, 265, 272, 274, 282, 298, 302, 303, 313

S

Sala de aula 2, 12, 14, 20, 22, 40, 45, 49, 65, 91, 93, 95, 109, 118, 121, 123, 124, 125, 128, 129, 131, 133, 134, 136, 139, 161, 163, 168, 176, 177, 339
Santo 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 10, 11, 100, 101, 102, 118, 164, 208, 209, 210, 212, 214, 215, 216, 217, 218, 219, 220, 221, 224, 225, 226, 228, 230, 231, 236, 239, 244, 248, 251, 252, 259, 276, 277, 281, 301, 343, 371

T

Teatro 19, 51, 87, 154, 156, 157, 161, 162, 163, 164, 180, 183, 262, 340, 341, 342, 343, 344, 345, 346, 348, 349, 350, 369

U

Universidades 39, 162, 180, 181, 183, 184, 185, 186, 192, 194, 196, 197, 198, 200, 205, 285, 305

Z

Zumbi dos palmares 87, 351, 353, 354, 356, 357, 358, 359, 360, 361, 362

 **Atena**
Editora

2 0 2 0